

STAR CRAFT III



BLIZZARD
ENTERTAINMENT

Um só povo, um só propósito

“Alta Executora, houve uma morte.”

Selendis mediu com os olhos o protoss que fez o anúncio ajoelhado sobre o piso de pedra do pátio do templo, recentemente reformado. A armadura leve parecia ter sido fabricada há pouco, mas seguia o estilo antigo, da Era de Ouro, em voga entre os Templários — ou melhor, ex-Templários. Ela não apreciava aqueles estilos antiquados. A armadura dela também era nova, mas com linhas modernas e graciosas que combinavam com seu corpo elegante. “Houve algum confronto?”

“Não, Executora.” Nada no tom ou na postura dele parecia certo. Selendis percebia que ele estava inseguro mesmo sem usar da conexão emocional que o Khala lhe dava antes. A separação ocorrera há algum tempo, mas ela ainda sentia falta da presença telepática que tinha ligado os khalai por milênios — aquela empatia instantânea e a sensação de propósito conjunto. Agora ela precisava lidar com coisas novas: enganação, solidão profunda, mal-entendidos. Sem falar no lento e enfadonho processo de compreensão, exigindo uso de perguntas e leitura de linguagem corporal.

As perguntas agora eram: por que a incerteza diante da morte, que é a coisa mais certa no universo? Se não houve confronto, por que incomodá-la com questões de velhice ou doença? Os protoss não eram imortais, não havia por que a morte se importar com um a menos. “Por que você veio até mim?”

“Porque foi uma morte estranha. Errada.”

Selendis escutou por um momento o burburinho de atividade incessante ao seu redor, de Aldera sendo reconstruída, de uma cidade voltando à vida. As novas estruturas reluziam ao sol

da tarde, e via-se lampejos dos movimentos invisíveis de zangões e guardiões. A paz inquieta dos últimos retornos solares — já tinham sido tantos assim? — ainda era estranha depois de tanto tempo de conflito. Talvez a paz não fosse o destino natural dos guerreiros natos. Talvez a paz fosse o estado que eles nasceram para proteger. Talvez, ponderou Selendis com certo sarcasmo, fosse preciso esperar para ver o que o destino reservava de grandioso para tirar conclusões.

“Mostre-me.”

Eles se transdobraram para um pequeno assentamento na periferia de Aldera. A curva suave do vale já estava semioculta pela sombra das montanhas em redor. Comparado à fervilhante Aldera, o lugar parecia estranhamente silencioso e largado. Mais da metade das residências ainda eram construções temporárias, que já deveriam ter sido substituídas. Alguns zangões, talvez alguns que deveriam estar executando justamente esse serviço, pairavam sem direção. Os poucos protoss à vista, sentados na soleira de casa ou sob as árvores, observavam a passagem deles com indiferença.

Um dos mais arraigados reflexos de batalha de Selendis era recorrer ao Khala para fazer uma avaliação rápida da situação. Ela ainda se surpreendia ligeiramente com o vazio que encontrou ao fazer isso. Era como desferir um golpe perfurante perfeito, mas se deparar com um escudo.

Ela acompanhou o protoss nervoso até uma das casas temporárias. Antes mesmo de ele abrir a porta, um cheiro forte de sangue inundou o ar. Dentro, estava o corpo contorcido de um khalai em uma poça de sangue escuro e seco.

Selendis já tinha familiaridade com a morte, mas aquilo era bem diferente do que ela esperava. Lâminas psiônicas cauterizam enquanto cortam, então o combate entre protoss em geral não derrama sangue. Ela só tinha visto tanto sangue assim no campo de batalha, contra os

zergs, mas não havia fedor de alienígena ali. Agachada junto ao corpo, ela fez uma leitura dos ferimentos: cortes profundos na garganta, por todo o braço e o peitoral, retalhando a veste simplória da vítima.

Com cuidado, Selendis levantou a mão do morto. Os músculos não estavam enrijecidos, ele havia morrido fazia algum tempo. As mãos estavam cobertas de sangue seco, e havia lascas da própria pele em suas garras. As milhares de mortes violentas que ela testemunhara — e, em alguns casos, causara — nunca a tinham deixado perturbada. Mas aquela visão a deixou enjoada. “Ele mesmo fez isso.”

“Como eu disse. Errada.”

“Você sabe o nome dele?”

“Eu não o conhecia. Eu estava só de passagem depois de transmitir um recado na vizinhança e senti o cheiro do sangue.”

“Ainda assim, somente você se deu ao trabalho de verificar”, disse ela baixando a mão do cadáver. Entre sangue e sombras, algo cintilou no pescoço. Ela virou o corpo de lado. As marcas de garra se estendiam até a nuca, como se o khalai estivesse tentando alcançar o talo que restou do cordão nervoso. A primeira impressão de Selendis foi de que o objeto seria uma presilha, um artefato nerazim que alguns Khalai tinham adotado, mas não se tratava de um mero adorno. Era possível ver o poder que faiscava no cristal engastado no objeto. Ela rapidamente conseguiu sintetizar sua impressão: era uma espécie de dispositivo, mas não conseguia discernir o propósito, já que não era moduladora.

Por outro lado, ela conhecia um modulador que conseguiria.

Ela deixou o corpo escorregar até o chão. “Você fez bem em trazer isso a mim.”

#

Selendis levou o corpo, armazenado numa cela de estase para impedir a degradação, ao laboratório que Karax construiu em Aldera. Dotado da presença imponente típica do líder dos Daelaam, Artanis já esperava lá com o modulador. Selendis imaginou que seria melhor que ele visse aquilo com seus próprios olhos. Para certa surpresa dela, Talandar também estava lá. Ele teve que reduzir seu enorme corpo robótico de Purificador para caber entre dois consoles e conseguir enxergar a mesa onde ela colocou a cela de estase. A luz dos consoles de Karax se refletiam nas carapaças metálicas que recobriam o corpo e os ombros dele.

“Talandar estava aqui me visitando”, explicou Karax. Ele era o menor de todos. Sua cabeça estava sempre inclinada, marcando uma curiosidade que nunca o abandonava. Os três tentáculos, em cujas pontas havia mãos extras, estavam anexados aos cordões nervosos decepados e mexiam-se mesmo quando ele estava parado. “Imaginei que não haveria problema com a presença dele.”

“Eu confio nas opiniões dele”, disse Artanis com um tom transbordando de firmeza e confiança.

“Isso não é nenhum segredo”, redarguiu Selendis.

Karax engasgou ao ver o corpo. Artanis tinha declarado que Karax e todos os protoss eram Templários, mas este último era o que menos tinha experiência com a morte.

“É melhor que isso não seja alardeado”, comentou Artanis enquanto olhava o corpo. “O que aconteceu com ele?”

Selendis explicou o que tinha observado. Assim que mencionou o dispositivo, Karax imediatamente recobrou a objetividade. Suas mãos robóticas viraram o corpo com delicadeza, extraíram o dispositivo e começaram a limpá-lo.

Selendis prosseguiu: “Antes de voltar para Aldera, eu conversei com alguns khalai do

assentamento. O nome do morto era Eranis, e ele era da casta khalai. Ele não tinha família, nem laços sanguíneos com a tribo, nem amigos conhecidos pela comunidade. Ele viveu e morreu sozinho. Ninguém pareceu muito surpreso... nem atribulado... com a morte dele.” Essa postura foi o que mais a deixou frustrada em todas as conversas que ela teve com os protoss apáticos do assentamento.

“Você parece incomodada, Selendis”, disse Artanis.

“E você não está? Não, eu estou com raiva. Nós já somos poucos... Por que ninguém percebeu? Por que ninguém se importa?”

“Boa pergunta. Ele era muito odiado?”

“Não. Nada disso. É como se eles tivessem passado tempo demais sem o sol e não se importassem mais.” Ela ponderou se não seria uma droga nova, mas ninguém estava com cheiro estranho. “Eles não pareciam ser protoss.”

Talandar se remexeu em silêncio e, por fim, falou. “Quando eu acordei, estava perdido. Não havia mais Khala para me confortar”, disse ele. “Eu não sabia mais quem eu era, o que eu era. Não havia propósito claro. Nunca antes eu havia me sentido tão só. E me sinto assim desde então. Seria fácil me perder na solidão e esquecer da existência de todos... se eu não tivesse um velho amigo”, disse ele, inclinando a cabeça na direção de Artanis, “e meu novo amigo”, virando-se para Karax, “para me tranquilizar”.

Selendis lembrou a dor lancinante de cortar os próprios cordões nervosos e o vazio súbito que se seguiu à perda do Khala após a separação tão abrupta e irremediável que sofrera. Certamente não tão ruim como se perder no oceano eterno de ódio e fúria de Amon, mas ainda assim foi uma dor muito maior que todas as feridas que ela tinha sofrido na vida, talvez por ter sido no coração. Às vezes, ainda doía.

“Todos nós sofremos o mesmo... ferimento, e nem por isso estamos à deriva.” Ela apontou para o cadáver. “E quanto a isso? Não foi a perda do Khala que causou essa morte.”

“Faz parte das circunstâncias”, retrucou Talandar.

“A causa é esta aqui”, interviu Karax erguendo o dispositivo, agora limpo. Sem a camada de sangue seco, parecia uma carapaça fosca e prateada com fios de tom um pouco diferente entrando e saindo pela superfície. E um cristal ainda pulsante lá dentro.

“E o que é isso?”, indagou Selendis.

“Eu ainda... não sei bem. Mas posso adiantar duas coisas.” Karax então bateu de leve no cristal. “A primeira é que está canalizando energia do vazio, embora eu não saiba por que está canalizando de forma tão regular. Talvez esteja danificado...”

“E a segunda?”, perguntou Artanis com uma voz que Karax notou certa curiosidade, apesar da situação tensa.

“Sim, a segunda”, retomou Karax virando o dispositivo para revelar protuberâncias finas como agulhas. “É que estava, ao menos em parte, integrado aos nervos decepados dele. Eu tenho que examinar isso para descobrir a serventia... mas, se estava ligado aos nervos e deu defeito, deve ter causado uma dor horrível.”

“E foi por isso que ele tentou arrancar”, completou Selendis. Essa explicação parecia muito mais direta do que um ferida espiritual se manifestando como automutilação. Mas com que frequência a explicação mais simples é a verdadeira? Os protoss eram seres complexos e multifacetados. Sem entender isso, seria impossível ter feito estudos sob o comando de Artanis, ter liderado durante as turbulências políticas das guerras, ter observado as enormes mudanças causadas pela perda e retomada de Aiur.

Enquanto Karax começava outra descrição detalhada e prolixa sobre o que ele já tinha

conseguido perceber no dispositivo, um guarda abriu a porta do laboratório. “Lamento interromper, mas...”

“O que houve?”, indagou Artanis.

“Encontraram um corpo”, respondeu o guarda. “A cena é... sangrenta.”

Um terrano talvez achasse que era coincidência ou má sorte, mas Selendis sentiu que havia algo maior e muito mais preocupante — e sabia que Artanis notou também. Ela deu um passo à frente, mas Artanis ergueu a mão para que parasse. “Talandar, vá investigar”, ordenou ele. “Veja se as circunstâncias são iguais... e mande o corpo para cá.”

“Será uma honra”, respondeu Talandar, e dirigiu-se à área aberta do laboratório, para a saída, enquanto voltava ao seu tamanho normal.

“Karax, continue trabalhando nesse dispositivo”, disse Artanis.

“Claro, meu amigo.”

“Faça um relatório do que descobrir para Selendis.”

Ela poderia conduzir toda a investigação sozinha, mas Selendis sabia que aquela era uma forma muito mais eficiente de empregar tempo e recursos, especialmente considerando que ela tinha deveres a cumprir. “Logo veremos a resolução disso.”

#

Karax logo se viu na companhia do segundo corpo, enviado numa câmara de estase por Talandar. Junto com ele, algumas informações básicas que o Purificador tinha levantado: sexo feminino, atendia por Therun, ex-casta de Templários. As cores dela indicavam que provavelmente era da tribo Venatir.

Aquele corpo estava em pior estado do que o outro, e o sangue que o recobria ainda estava grudado. Por outro lado, isso facilitava muito a limpeza do dispositivo que ela, assim

como o outro, tinha anexo ao cordão nervoso. E era nisso que Karax estava concentrado. O sangue não deveria importar tanto: perturbava-o no nível emocional, mas era mais prático pensar nos corpos como máquinas biológicas que deram um defeito tão severo que recorreram à autodestruição. Se ele descobrisse o que causou esse defeito, poderia impedir que se repetisse.

O laboratório estava silencioso quando ele começou a autópsia nos dispositivos de cada corpo. O alvoroço de Aldera ficou do lado de fora, isolado por portas e campos de força que deixavam entrar a luz tênue do entardecer, mas filtravam o barulho e a poeira. O único acompanhamento aos murmúrios dele era o chiado leve dos núcleos de força e consoles e o zumbido das mãos robóticas trabalhando diligentemente.

Superficialmente, o segundo dispositivo parecia idêntico ao primeiro: um casulo de metal fosco, ligações de interface neural que Karax achou bem meia-boca e uma matriz de transmissão energética instável, o que explicava as flutuações de energia do vazio. No entanto, quando começou a examinar os dois lado a lado, ele viu diferenças claras na fiação, na matriz e nos módulos computacionais cujo propósito ele ainda não tinha conseguido desvelar. Esses dispositivos não foram fabricados, mas criados à mão, como se o modulador ainda estivesse tentando chegar ao protótipo perfeito que transformaria o conceito em realidade.

Karax não gostou nada disso. O conceitual deveria ficar no simulador, não ser testado nos nervos de um protoss. Durante as batalhas, seus colegas precisaram fazer experimentos com indivíduos vivos em algumas ocasiões, mas era uma medida desesperada decorrente da necessidade urgente. Os tempos de desespero deveriam ter passado.

O exame também revelou uma espécie de evolução. O segundo dispositivo tinha corrigido falhas óbvias do primeiro: junções neurais que sofreram sobrecarga ou canais de energia que antes estavam inteiros, mas ficaram retorcidos. Os problemas que causaram defeito

no segundo dispositivo ainda eram claros, mas diferentes. Os pontos falhos tinham sido corrigidos e apareceram novas falhas.

Ele tinha colocado os dois dispositivos na mesa e voltado ao console para começar a fazer simulações quando sentiu uma mudança no ar: ele não estava mais sozinho. Ninguém que devesse estar no laboratório era tão silencioso. Na verdade, nenhum khalai que Karax conhecesse era tão silencioso assim.

Karax se virou e viu uma Nerazim debruçada sobre os dispositivos, usando as garras para virar um deles lentamente. Ela era pequena até para os padrões do sexo feminino, e a pele era escura como a noite. Ela lançou-lhe um olhar cortante e com uma translação estava na garganta dele. “Então é você o ladrão que eu estava caçando. Não esperava que estivesse sob a asa do grande Artanis.”

Karax ergueu as mãos com cuidado, mas um de seus tentáculos robóticos discretamente puxava uma faca que havia embaixo do console. Ele não achava que conseguiria carregar uma lâmina psiônica naquelas circunstâncias. “Ladrão, nada. Você não viu os corpos?” O fato de ela não ter nem piscado deixou claro que sim. “Foi deles que os dispositivos vieram, e eu estou aqui oficialmente encarregado de descobrir o que aconteceu. Será que um deles não é o seu ladrão?”

Pelo olhar, ele sentiu o peso da mente dela sobre a dele. Por fim, ela deu um passo para trás e voltou à mesa. “Esses são cópias”, disse. Ergueu um deles e, com um tom de nojo e azedume, acrescentou: “Cópias muito ruins. Vocês, khalai, adoram pegar o que não lhes pertence e fazer um arremedo para depois dizer que é de vocês.”

“Não há satisfação em tomar a invenção de outrem”, protestou Karax.

“Talvez você pense assim”, respondeu a Nerazim. “Mas alguns dos seus colegas gostam de reformular nosso trabalho com o estilo da Era de Ouro.”

Ele reprimiu a vontade de discutir. *Uma coisa de cada vez.* “Qual é o seu nome?”, perguntou.

“Nerath.”

“Eu sou Karax. Você é moduladora?”

Ela baixou o dispositivo e se voltou para Karax sarcasticamente. “Se é para usar as *suas* palavras, acho que essa serve para descrever a minha família, que foi a verdadeira prejudicada por esse ladrão.”

Com isso, a conversa chegou ao ponto fulcral. “Poderemos avançar nos nossos problemas individuais se trabalharmos juntos.”

“E como é que você poderia me ajudar?”, retrucou ela em tom de deboche.

“Eu tenho os recursos do Hierarca Artanis. A minha maior dificuldade agora é compreender o propósito desses dispositivos. Quando eu conseguir entender, poderei deduzir como eles foram alterados e restringir a busca aos moduladores khalai que fariam esse tipo de trabalho. Se me fornecer essas informações, eu elaborarei uma lista de suspeitos para você e a Executora Selendis.”

Nerath olhou para ele, desconfiada, pelo que pareceu um longo tempo. “Acho que não há prejuízo em trabalhar em várias frentes. O propósito desses dispositivos é aprimorar a conexão do usuário com o vazio... e regular as energias para impedir que o choque do vazio o incapacite.” Nerath girou um dos dispositivos distraidamente. “É bom que Selendis encontre eles primeiro...”

#

Com o corpo da Templária morta a caminho de Karax, Talandar observou a residência dela. Não tinha nada de diferente da visão que ele tinha de “lar” segundo as memórias de Fenix, seu eu anterior: armadura, limpa e no suporte, pronta para o combate; armas penduradas num lugar de

honra na parede; algumas obras de arte (não do gosto dele) e livros; o mínimo de mobília necessário para ter conforto durante o descanso. Não parecia genérico como Selendis deu a entender sobre o outro morto: parecia a moradia de alguém pronto para uma batalha que já não viria mais.

Enquanto fazia um inventário dos itens, Talandar fez contato pela rede que conectava todos os Purificadores, que era uma imitação pálida do Khala, mas bem mais do que os khalai tinham agora. Embora o maior alicerce de sua vida fosse o sentido que ele descobrira e o nome que escolhera, a conexão com outros Purificadores também lhe trouxe a sensação de fazer parte de um povo novamente. Mesmo sem a parte emocional, a conexão por si só já era um bálsamo para a solidão — pelo simples fato de saber que qualquer pergunta seria ouvida por muitos outros como ele.

A pergunta que ele fez agora foi se outros Purificadores tinham visto khalai agindo de modo estranho ou visto algum dispositivo com as especificações passadas por ele. As respostas foram rápidas e unanimemente negativas em relação ao dispositivo. Em se tratando do comportamento dos protoss, porém, os Purificadores não tinham nada a dizer.

Preferimos ficar reservados, resumiu Clolárion com a concordância dos outros.
Acreditamos em Artanis quando diz que não voltaremos a ser escravos, mas há pouco contato entre nossas sociedades. Temos necessidades distintas. Não há por que nossos caminhos se cruzarem, a não ser quando algum deles nos pede para ajudar na reconstrução.

Eu já parei para observá-los, disse Mojo. *Mas não posso comentar o comportamento deles, porque eles mudam assim que percebem que estão sendo observados por nós..*

Somos todos protoss, disse Talandar com firmeza.

Assim como os khalai e os nerazim, e nem por isso eles têm a mesma mentalidade,

redarguiu Clolárion. Não havia malícia no que disse, era simplesmente o fato.

Talandar não deixou que seu suspiro de frustração vazasse na rede. Em situações assim, a única forma de liderar era dando exemplo. Ele carregou todas as observações e varreduras da habitação da protoss para os terminais de Karax como referência e saiu para a rua.

O fluxo do tráfego de pedestres mudou assim que ele pisou lá fora. Havia certamente uma distância respeitosa. Ele bem sabia que sua forma de metal ocupava bem mais espaço que seu antigo corpo de carne. Para começar, eram quatro pernas em vez de duas. Mas a forma como os outros protoss olhavam para ele... dava para *sentir* que não era só questão de espaço. Não era só um olhar de surpresa: os olhares variavam entre curiosidade, tristeza e desconfiança, como esperado de um guerreiro ao ver uma máquina grande e estranha. Os transeuntes eram comuns para ele, mas ele era bizarro para eles, independentemente de como se sentisse por dentro. Era um tipo sutil e doloroso de exclusão. Talvez também fosse por isso que os Purificadores preferiam ficar isolados. Ele não tinha percebido aquilo antes, talvez porque andasse mais com os Purificadores e os Daelaam, e estes últimos o conheciam desde a época da *Lança de Adun*.

Talandar deixou de lado seu incômodo — ainda havia trabalho a fazer. Therun deixara uma marca mais perceptível em vida do que Eranis. Havia nomes para investigar. Ele primeiro se transdobrou para o outro lado da cidade para procurar o pai dela. Quem sabe os laços de família não se estreitaram com o fim do Khala? O protoss idoso que Talandar encontrou sentado num banco ao pôr do sol ficou olhando para ele, nitidamente ressabiado.

“Trago uma má notícia sobre Therun, sua filha”, disse Talandar. “Ela...”, hesitou ele, dando-se conta de que expressões normais, como dizer que ela se juntou aos ancestrais no Khala, não se aplicavam mais. Após esse discreto tropeço, ele prosseguiu: “... juntou-se às estrelas. O senhor falou com ela recentemente?”

“E por que um Purificador se importaria?”

“Fui encarregado de investigar a morte dela.”

“Rá. Ainda que eu confiasse nas suas boas intenções, eu não saberia dizer. A última vez que nos vimos foi no retorno a Aiur.” Sem dizer mais nada, o velho protoss se levantou e foi embora.

Ele não tem idade para ter visto a rebelião dos primeiros Purificadores, pensou Talandar. Ninguém tinha. Mas ele sem dúvida ouvira as histórias, e essa provavelmente era a causa de animosidade. Então ele se voltou para o próximo nome da lista, outro ex-Templário que tinha servido como fanático ao lado de Therun.

Ele localizou esse protoss perto do complexo do arquivo. Parecia que ele estava impressionado com a presença de Talandar. “Eu não sabia que vocês falavam!” foi o primeiro comentário dele.

Talandar estacou, surpreso. “Quê?”

“Eu sabia que Purificadores eram nossas grandes máquinas de guerra. Mas achamos que Artanis tinha recolocado vocês em estase após a retomada de Aiur.”

“Não...?”, Talandar recobrou o foco logo. “Eu estou à procura...”

“Mas os Purificadores não têm todo o conhecimento que os protoss carregaram neles?”

De algum modo, o estranho entusiasmo daquele protoss causava mais incômodo a Talandar do que a hostilidade dos outros. “Deixe-me falar”, ordenou Talandar erguendo um braço — o que tinha um canhão de energia — para reforçar.

“Claro. Lamento.” O protoss se retraiu, ainda que só um pouco.

“Eu tenho...”

“É verdade, então, que os Purificadores se tornaram uma força de espionagem e usam os

zangões para nos observar?”

Talandar acabou por conseguir fazer as perguntas, mas não recebeu nenhuma resposta útil em relação a Therun — somente um relato perturbador das mais atuais teorias da conspiração que grassavam em Aldera. Parece que era fácil inventar histórias para preencher o vazio deixado pelo isolamento autoimposto dos Purificadores.

Talandar continuou seguindo a lista de nomes e encontrou apenas frustração. Alguns simplesmente olhavam para ele e pareciam distraídos demais pela sua presença para falar alguma coisa de útil. Alguns poucos foram hostis. Outros ficaram agitados e curiosos — esses foram os piores, desperdiçando muito tempo dele. Talandar estava a ponto de começar a derrubar portas na vizinhança de Therun quando finalmente o penúltimo nome da lista, Maitana, forneceu informações.

Ela era da Casta Templária. Dava para perceber isso só de olhar para ela, apesar das vestes muito humildes e da aparência enfermiça. A pele estava pálida, manchada e fina, o que dava para perceber mesmo na luz do fim de tarde. Ela escutou pacientemente enquanto ele recitava o texto agora já decorado sobre a morte de Therun. A sensação era péssima. As palavras pareciam ter perdido o sentido depois de ele ter repetido tantas vezes.

“Talvez Therun encontre uma batalha à altura dela onde está agora”, disse Maitana.

“Ela sentia uma falta de propósito?”, perguntou ele, lembrando que se sentira apático sem uma missão — e fortalecido quando a encontrou.

“Ainda havia batalhas, mas já fazia algum tempo que não nos convocavam para o combate. Não somos da casta dos khalai para erguer paredes ou trabalhar na forja. Nós acompanhamos os executores em batalha pela honra e pela glória.”

“A honra é a verdade interior”, disse Talandar. Aquilo era outra coisa que ele tinha

concluído nos dias que se seguiram à retomada de Aiur. “Existem outros feitos além da batalha.”

“E os Purificadores entendem alguma coisa disso?”

“Mais do que você imagina. Somos guerreiros, como todo protoss. Decidimos que nosso novo propósito seria reconstruir, proteger e crescer. Você pode fazer o mesmo.”

“Eu... vou pensar no que você falou”, respondeu Maitana, um tanto envergonhada.

“Uma pequena vitória ainda é uma vitória”, continuou Talandar, lembrando o que Karax ensinara: “Um passo ainda é um avanço. E colocar pedra sobre pedra faz a muralha proteger os que estão atrás dela. E Therun? Também se sentia como você?”

“Sim, mas ela buscou um propósito, enquanto eu... chafurdei na falta de um.”

“E ela encontrou o que procurava?”

“Ela falou de um templo novo. Para substituir o que perdemos. Ela queria que eu fosse com ela.”

Era o máximo de informação que ele tinha conseguido até agora. “E você foi?”

“Uma vez só, mas não entrei. Eu não gostei do que vi e disse isso a ela. Depois disso, ela não falou mais comigo.”

“Mostre onde fica esse lugar.”

Talandar acompanhou Maitana aos arredores de Aldera ao norte, onde as sombras tinham se espalhado. Não era tão largado quanto o lugar onde encontraram o primeiro cadáver, mas parecia um esqueleto de cidade, esperando a carne crescer. Maitana o levou a um prédio abandonado que em nada condizia com a imagem que ele tinha de um templo — parecia mais um barracão de máquinas, e os escâneres dele confirmaram a presença de óleo e vapores de combustível. Não havia nada lá dentro. “Havia alguém aqui quando Therun trouxe você?”

“Sim. Uma mulher da casta khalai. Ela era muito alta. Isso eu lembro bem. E a pele dela

era muito pálida.”

Talandar já estava transmitindo as informações para Karax enquanto respondia:

“Obrigado. E se você quiser falar sobre as novas batalhas que enfrentamos, eu ficaria feliz de conversar com você de novo.”

#

Para alívio de Karax, Nerath partiu para dar continuidade à investigação dela após passar as especificações completas do dispositivo original — não sem antes arrancar a promessa de que ele não copiaria, o que muito o ofendeu. Ele também observou, aborrecido, que ela não prometeu compartilhar com ele as novas informações que conseguisse. Pelo menos era mais fácil ele se concentrar no que tinha que fazer sem ela mexendo nas ferramentas ou nos terminais dele e soltando pilhérias sobre os khalai, então ele se deu por satisfeito.

Ele virou o novo dispositivo para o lado dele com uma das mãos robóticas enquanto as outras adiantavam os resultados nos terminais. Aquele dispositivo canalizava energia do vazio, mas havia circuitos extras, mais próximos da tecnologia dos Purificadores, além de uma modificação que, embora imperfeita, defeituosa e parcialmente derretida, parecia tentar converter energias psiônicas em energias do vazio. Seria uma arma? Por que anexá-lo aos cordões nervosos decepados, então...?

“*Oh*”, soltou ele. A exclamação, emoldurada pelos discretos sons mecânicos do laboratório, revelava ao mesmo tempo horror, nojo e admiração pela genialidade louca e impossível daquilo. Com o fim do Khala, alguém estava tentando forjar uma nova conexão psiônica através da energia do vazio? Com senso de urgência, ele colocou para rodar uma nova simulação com essa premissa.

“Karax”, chamou Talandar. Ele estava distante, provavelmente ainda fora da cidade.

“Sim?” Karax olhou pela janela. Já tinha passado a tarde inteira envolvido com o trabalho.

“Você parece atribulado, meu amigo”.

“Eu *estou* atribulado. Quando eu chegar a uma conclusão, eu lhe direi. O que você descobriu?”

“Muita coisa, mas pouca que sirva no momento,” respondeu Talandar, soando pensativo. “Você conhece alguma moduladora com altura fora do comum e de pele pálida?”

“Descrição física não é tão útil quanto você pensa. A maioria dos outros moduladores e cientistas que conheci foi pelas pesquisas que leio”, disse Karax, rindo. Mas, enquanto Talandar resmungava alguma coisa sobre certos protoss que precisavam sair mais do laboratório, Karax se lembrou de uma pessoa que ele conheceu que correspondia à descrição. Ele fez uma busca pelo nome dela: Lantharis. Ela morava em Aldera. “Acho que conheço alguém.”

“Onde?”

Karax hesitou. Será que devia falar com Selendis ou Nerath? Ele não tinha certeza. Estatisticamente, era fácil encontrar protoss grandes e pálidas, e sem dúvida algumas delas tinham sido da casta khalai e parte dessas tinham enveredado pelas artes tecnológicas. Melhor confirmar essa suspeita antes. Ele passou a Talandar a localização do laboratório dela, acrescentando: “Eu encontro você na rua.”

Talandar já estava lá quando Karax se transdobrou através daquela distância relativamente curta. Com certeza ele tinha partido de imediato, enquanto Karax levou uns minutos cuidando da segurança do laboratório. O enorme Purificador fazia o possível para não chamar atenção, mas... sem sucesso. Havia vários protoss nas janelas e na rua observando com curiosidade eles passarem. A área tinha poucos atrativos, era um bairro de artesãos. Artanis

podia ter abolido o sistema de castas, mas os costumes de um povo antigo levava muitos anos para mudar.

“Não parece estar ocupado”, observou Talandar. “Não vi emissão de energia.”

“Ela pode ter saído para passar o dia fora”, disse Karax.

“Então eu vou abrir para nós.” Nem a blindagem de um couraçado seguraria um Purificador. A porta não ofereceu resistência... e, ao se abrir, revelou uma cena caótica.

O temor de encontrar outro cadáver se abateu sobre Karax por um instante, mas logo ele percebeu que não havia cheiro de sangue nem de morte. Mais calmo, ele passou a analisar os pedaços de metal, componentes eletrônicos, papéis revirados pelo vento, e notou que faltavam detalhes importantes: os terminais e ferramentas dela tinham sumido.

“Ela foi atacada?”, indagou Talandar.

“Não.” Havia um padrão claro na bagunça. “Ela fez as malas às pressas e fugiu.”

“De nós?”

“É uma boa hipótese”, respondeu Karax, usando as mãos robóticas para vasculhar os papéis, passando a vista no que podia. Alguns eram projetos — nada a ver com o dispositivo em questão, mas dava para ver o dedo dela ali. Aí ele encontrou umas páginas escuras e rabiscadas, escritas em khalani. A maior parte era incompreensível, mas uma frase repetidas várias vezes chamou a atenção dele: “*Artanis nos abandonou. Ele nos assassinou. Ele matou nossas almas. Eu vou achar um novo Khala. Eu vou salvar todos nós.*”

Ele largou o papel, sentindo-se sujo e perturbado. “Eu estava certo... é *esse* o propósito do dispositivo: reconstruir o Khala amputado com nova tecnologia. Que ideia terrível! Nós rompemos nossa conexão por uma razão forte. E a forma como ela quer fazer isso... vai acabar levando as vítimas à loucura. Parece que você estava certo, amigo.”

“Ambos estávamos certos, cada um à sua maneira”, completou Talandar.

Karax decidiu que seria melhor discutir isso depois. “Eu vou informar Selendis e Nerath.”

“Quem?”

Karax esfregou a testa. “Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa. Daqui a pouco, eu explicarei.”

#

Selendis sentiu um alívio quando Karax mandou chamá-la. Embora tivesse usado sua imensa capacidade de concentração para seus deveres ordinários, a investigação e as mortes permaneciam incomodando nas margens da consciência. Não o suficiente para interferir diretamente nas tarefas, mas o suficiente para deixá-la impaciente e irritadiça.

“Mas vocês não sabem para onde essa Lantharis foi...”, falou Selendis em tom de confirmação enquanto examinava os desvários escritos. Talvez não tivesse sido trivial, mas seria relativamente simples achar Lantharis se todos ainda fizessem parte do Khala. Agora quem não queria ser encontrado poderia mentir e se esconder facilmente — *como o Tempário das Trevas*, pensou ela involuntariamente. Era outra peculiaridade social que eles teriam que resolver.

Nunca antes tinha ficado tão claro para ela como era complicado e lento o processo de construir uma nova ordem social.

“Não sabemos, Executora”, confirmou Karax.

“No entanto, temos uma ideia do rastro social que ela pode deixar”, comentou Talandar.

“A busca tem que ser ampliada, depressa.”

Selendis passou os olhos pelas linhas tortas em khalani, chamando Artanis de *o grande traidor, o destruidor*, e largou o papel no chão. Ela limpou as garras, como se ainda tivesse

algum resíduo. “Então, será feito. Eu vou...”

“Ouvir as novidades de uma caçadora misteriosa, mas muito bela?”, questionou uma voz desconhecida. Algo se mexeu no laboratório abandonado.

Selendis se virou e se deparou com uma Templária das Trevas, que ela não conhecia, parada na soleira. Era franzina e pequena, estava envolta numa capa e usava uma cobertura facial de um azul tão escuro que parecia preto, da cor do céu quando as estrelas começam a aparecer. “Quem é você?”, Selendis exigiu saber.

“Ah, seu moduladorzinho não avisou?”

Não, Karax não tinha avisado. E Selendis já queria ter uma conversa ríspida com ele assim que estivessem a sós. “Não.” A presunção dos Templários das Trevas sempre a aborreceu, e aquela não fugia à regra.

“Eu ia contar agora”, protestou Karax, abanando as mãos inutilmente.

A Templária das Trevas fez uma mesura irônica. “Eu sou Nerath. Estamos investigando o mesmo problema... de perspectivas diferentes. Para vocês, assassinato. Para mim, roubo.”

Selendis lançou um olhar fuzilante para Karax, que se encolheu. “Explique.” Depois da explicação dele e dos comentários pachorrentos de Nerath, ela atalhou: “E que novidade você traz?”

“Durante a minha investigação hoje, eu ouvi por alto um khalai falar de um ‘novo templo’. Em respeito aos seus esforços, eu decidi compartilhar a informação.”

Ou então ela não sabia a importância disso até ouvir a nossa conversa, pensou Selendis.

“O que você quer?”

“Um só povo, um só propósito, não?”, perguntou Nerath debochadamente.

Selendis simplesmente continuou fitando Nerath.

“Eu só quero que esse roubo acabe.”

Selendis não estava com disposição para bate-boca. “Você nos levará até ele, e nós o interrogaremos.”

“Os protoss de Aiur não são nada sutis”, comentou Nerath. “Você acha que, se esse sujeito realmente acreditar nessa nova religião, ele vai ceder a um interrogatório ou será que vai optar por virar mártir?”

“Eles acreditam o suficiente para permitir alterações no próprio corpo”, observou Talandar.

“Então o que você sugere?”, indagou Selendis.

“Vamos vigiá-lo e ver aonde ele nos leva.”

#

Inicialmente, Talandar tinha se oferecido para acompanhar Nerath na vigilância do protoss, mas Selendis declarou, num tom que fez o Purificador entender que não adiantava discutir, que a missão era dela. Ela não confiava na Templária das Trevas nem nas intenções que esta dizia ter, e a postura de Nerath, sempre dando um tom jocoso a tudo, também a incomodava. Elas se sentaram juntas no telhado de uma loja e ficaram observando a rua. O protoss tinha entrado numa residência a poucas casas de distância e já estava lá havia várias horas. Era provável que ele estivesse dormindo e elas precisassem virar a noite ali.

“Eu acho que o Purificador teria sido uma companhia mais agradável”, soltou Nerath, logo depois de ter feito mais um comentário sobre um transeunte e Selendis ter respondido somente com um resmungo.

“Se quiser, pode esperar com ele no laboratório de Karax”, rebateu Selendis.

“Ele parecia ter senso de humor”, prosseguiu Nerath, como se a outra não tivesse falado.

“Você fala demais.” O pior era que algumas observações dela tinham sido um *pouquinho* sagazes.

“Se você ouvisse com mais atenção, eu não teria que usar tantas palavras.”

Selendis lançou um olhar gélido para Nerath.

A Templária das Trevas simplesmente deu de ombros com inocência calculada e continuou: “Eu estou aqui para ajudar vocês, Selendis, e com isso eu ajudo meu povo.”

“Dessa última parte, eu não tenho dúvida”, disse Selendis com desdém.

“Quanta hostilidade”, disse Nerath. “Fiquei magoada.”

“*Seu* povo”, continuou a outra, tomando emprestado o tom debochado de Nerath. “E quanto ao *nosso* povo?” O questionamento era injusto e não muito honesto, mas era fruto de frustração e preocupação. Selendis sabia que Artanis se ressentiria com o fato de que ela ainda segregava mentalmente os protoss entre khalai e nerazim. Ao menos na visão dela, os nerazim não tinham feito grande esforço para mudar isso.

“E quanto ao nosso? Não existe *nós* se as tradições dos nerazim tiverem que ser destruídas para os khalai sobreviverem.”

“Quanto melodrama”, disse Selendis secamente. “Ninguém quer destruir vocês.”

Nerath soltou uma risada. “Não se consegue união recriando o outro à sua imagem.”

Selendis tentou formular uma réplica em meio à negação e à raiva, mas Nerath fez um gesto brusco com a mão, mudando sua postura para um alerta total. “Nosso alvo está saindo. Depois terminamos essa discussão.” Abaixo, na rua, o khalai seguia na direção oposta à da vinda.

“Certamente”, rosnou Selendis, lacônica.

“Aonde vamos agora...?”, matutou Nerath enquanto o seguiam de longe.

“Já é muito tarde. Talvez esteja indo para casa.”

“A direção está errada”, disse Nerath. “Acho que ele está indo a um encontro clandestino para adquirir algum item surpreendente no mercado negro.”

Selendis achou graça, embora não quisesse admitir. “Você não leva muita fé no caráter dele.”

“Eu estou vigiando ele há mais tempo do que você. Você devia ter visto onde foi que o achei.”

De fato, o khalai adentrou um beco escuro. Enquanto elas observavam de uma distância segura, uma porta se abriu para ele. Uma protoss esguia e incrivelmente pálida o recebeu. “Eu vou chamar Talandar e Karax”, avisou Selendis.

“Diga que é melhor eles se apressarem, senão será difícil sobrar alguma coisa”, disse Nerath, já sacando sua lâmina de transdobra.

“Nerath...!”, Selendis tentou falar, mas a Templária das Trevas já tinha sumido.

Ela só levou alguns segundos para chamar Talandar e Karax, mas Nerath já tinha entrado na estrutura. E parecia que Lantharis tinha ativado um sistema de segurança, porque a porta não cedeu quando Selendis chegou até ela. Sua lâmina psiônica também não adiantou: a energia apenas faiscava contra o campo de força. Ela ainda estava praguejando e buscando outra entrada quando Talandar e Karax chegaram.

“A porta!”, gritou ela.

Talandar recuou alguns passos para tomar impulso. A energia permeou seu corpo blindado quando ele bateu contra a porta, e, com estalo, um brilho cegante revelou que o campo de força tinha sofrido uma sobrecarga. Com um rangido metálico pungente, a porta entortou e desabou.

Selendis contornou o enorme corpo do Purificador antes mesmo de a porta bater no chão.

Ela se viu numa pequena antessala, com uma escadaria descendo. Lá de baixo, ela ouviu Nerath berrar: “Você não vai mais roubar de nós!”

Outra voz respondeu aos gritos: “É o propósito divino!”

Seguida por Karax e Talandar, Selendis desceu os degraus correndo, com a lâmina psiônica voltando a brilhar. Lá embaixo, Nerath empurrava Lantharis, que era muito mais alta que ela, mas parecia amedrontada, contra um terminal. As paredes da câmara estavam cobertas de circuitos e cristais. Mais à frente, numa segunda sala desse andar inferior, havia uma mesa onde o khalai que elas tinham seguido estava deitado, aparentemente desacordado, com um instrumento estranho acoplado ao cordão nervoso.

“Nerath, você não vai...”, ensaiou dizer Selendis.

Então Lantharis fez alguma coisa, passando a mão pelo terminal. Uma energia encheu a câmara. Nerath soltou um grito rasgado e desabou no chão. Selendis sentiu a energia na forma de um uivo telepático na mente que abafou todos os seus pensamentos e alguma coisa apertando, tentando se firmar, não exatamente como a presença de Amon, mas tão horrível quanto. Ela mal se deu conta dos próprios gritos, apenas estremeceu e caiu de joelhos.

Parecia que o ar tinha virado um fluido viscoso, e a percepção do tempo, lapsos intermitentes. Ela viu Lantharis empunhar uma lâmina psiônica e investir contra Nerath, que jazia de bruços. Um pensamento ridículo passou pela cabeça de Selendis: *Ainda não terminamos a discussão*. Então usou toda sua força de vontade para ativar os músculos e pular sobre Nerath, usando sua própria lâmina psiônica para bloquear.

Era tudo que ela podia fazer para resistir naquele momento.

#

Talandar detectara um pulso de energia — *energia do vazio*, seus sistemas alertaram, mas não o

suficiente para sobrecarregar suas proteções. Ao seu redor, Nerath, Selendis e Karax estavam caídos. Selendis, soltando energia pelos olhos, lançou-se sobre o corpo da Templária das Trevas com a lâmina na posição certa para desviar o golpe. No instante em que viu a centelha do choque das lâminas, Talandar avançou, usando os braços imensos para jogar Lantharis do outro lado da sala, longe do terminal. “Karax, o terminal”, ordenou.

Lantharis rosnou e ficou de pé novamente. Claramente, ela tinha treinamento em combate, embora não fosse Templária. Talandar cobriu a distância rapidamente, canalizando um disparo energético pelos sistemas que desbaratou o escudo levantado por ela. Lantharis bloqueou o punho dele com a lâmina. A energia psiônica se dissipou com uma discreta fumaça ao bater na armadura de Talandar. O outro punho a golpeou na têmpora, deixando-a atordoada. Quando ela cambaleou, ele desferiu outro golpe diretamente nas extremidades amputadas dos cordões nervosos e ela desabou. Para não correr riscos, ele chamou uma sonda com uma câmara de estase e enfiou o corpo inerte nela.

Talandar se virou e viu Karax digitando sofregamente no terminal com as mãos robóticas, que estavam mais estáveis do que as de carne e osso. Ele bateu com o punho no console, depois ele e Selendis se deixaram cair com um suspiro aliviado. “Eu vou... confiscar isso aqui para examinar melhor”, disse Karax.

“O que aconteceu?”, indagou Talandar.

“Eu ainda não sei bem, mas foi muito doloroso”, disse Karax. “E eu acho que você ainda me protegeu parcialmente. Então obrigado.”

“A sensação era de que... ela estava de algum modo agarrando minha mente. Se isso for sequer uma fração do que Therun e Eranis sentiram, eu entendo como morreram”, disse Selendis, ficando de joelhos para examinar Nerath. “Ela está apenas inconsciente.”

“Karax, você pode...”, disse Talandar, e apontou para o khalai inconsciente sobre a mesa.

Apesar de ainda estar esfregando a testa, Karax estava quase recuperado quando se dirigiu à mesa. Com cuidado, ele retirou o instrumento. No mesmo instante, o protoss deitado abriu os olhos e tossiu. “Está me ouvindo?”

Ele olhou para Karax, depois para Talandar. “O que...”

“Você está seguro agora”, afirmou Talandar.

“Eu estou sozinho!” O khalai estava mais agitado do que tudo. Ele se sentou e passou as mãos pela nuca, sentindo que não havia mudança nos cordões nervosos. “Por que vocês atrapalharam? Por quê?” Ele avançou em Talandar, mas com um movimento fraco demais para representar ameaça.

Talandar facilmente o deteve à distância de um braço, e o khalai começou a chorar amargamente. “Por essa eu não esperava”, disse Talandar a Karax.

Nerath soltou uma risada seca e dolorida, apoiando-se no cotovelo para se erguer. “Você achava que receberia gratidão por ter privado esse tolo de suas falsas esperanças?”

Contra aquilo, Talandar não tinha como argumentar.

#

Antes de sair das instalações de Lantharis, Karax pegou tudo que considerou relevante naquele momento, usando uma sonda para transdobrar, e isolou o local para terminar a remoção no dia seguinte. A dor praticamente já tinha passado quando ele terminou. Talandar tinha saído às pressas para levar a vítima rebelde de Lantharis aos curandeiros, já que ninguém sabia o que fazer com ele. Selendis escoltou a câmara de estase e Nerath, a quem ela emprestou o ombro como apoio.

Karax foi o último a chegar no próprio laboratório. Artanis já tinha ouvido metade do

relatório de Selendis, temperado por comentários esporádicos de Nerath, que pareciam divertir e aborrecer a ambos alternadamente.

“Você tem algo a acrescentar, Karax?”, questionou Artanis com uma dose palpável de atenção.

Karax indicou com a mão robótica a pilha desordenada de objetos que ele já tinha colocado sobre as mesas de trabalho e disse: “Só depois que tudo isso passar por um exame detalhado.”

Artanis se voltou para a câmara de estase que continha Lantharis e desligou o campo de estase. Após levar um instante para se orientar, o olhar de Lantharis se fixou nele e ela soltou um sibilado cheio de tanto ódio que Karax se encolheu. “*Você*. Traidor.”

“Eu não traí ninguém”, retorquiu Artanis calmamente.

“Você assassinou a alma do seu povo, e o corpo irá em seguida se eu não salvar a todos”, respondeu Lantharis. “Os protoss não foram criados para vagar sozinhos, sem propósito nem conexão, e vão morrer se eu não os salvar.”

“Apesar dos nerazim terem se virado muito bem por um milênio”, disse Nerath, ácida e debochada.

“Apóstatas desalmados”, disparou Lantharis. “O Khala renascerá pelas minhas mãos, mais grandioso do que podem imaginar, e os khalai se erguerão...”

Artanis ativou novamente o campo de estase. “Acho que ela não está interessada em ouvir”, observou. “É isso que ela queria fazer... recriar o Khala?”

“Em última instância, sim. Estava usando algo que roubou dos nerazim para redirecioná-lo pelo vazio. É um... projeto louco”, comentou Karax.

“Mas havia quem estivesse disposto a tentar mesmo assim”, disse Artanis.

Nerath não parecia surpresa com a revelação. “Os protoss de Aiur passaram tanto tempo sendo animais de rebanho, não admira que vocês ainda estejam ansiosos para seguir um falso líder rumo ao matadouro.”

“Cuidado, Nerath”, alertou Artanis.

“Eu posso até não gostar das palavras, mas entendo o argumento dela”, disse Talandar. “Há uma ferida em nosso povo. Uma grande dor leva ao desespero... se, por um lado, ele pode levar à vitória numa batalha invencível, também pode facilmente levar à autodestruição.”

“Os desesperados tentarão de tudo para se curar”, ponderou Karax. Ele não tinha mais como discordar de Talandar. Os dispositivos eram a causa imediata das mortes, mas o problema era bem mais profundo. “Apontar a causa primordial de uma falha é muitas vezes a parte mais difícil de um conserto. Agora sabemos qual é o problema. O próximo passo é achar a solução.”

Nerath soltou um muxoxo. “Não dá para ‘consertar’ a vida dos outros de cima para baixo. Cada um tem que encontrar o seu caminho, senão a luta não tem sentido.”

“Seu jeito levaria a mais mortes como as de Therun e Eranis”, rechaçou Karax.

“No fim, cada um de nós está só”, disse Nerath.

“Não é assim que nós somos”, interveio Selendis com uma voz tranquila, mas cheia de raiva. “Nunca foi e nunca será.”

“O seu jeito de ser mudou quando vocês romperam a conexão com o Khala”, replicou Nerath. “Ainda que vocês estejam demorando a se dar conta.”

“Não se consegue união recriando o outro à sua imagem, Nerath. Foi *you* quem me disse isso”, respondeu Selendis.

Nerath baixou a cabeça, parecendo envergonhada. “As questões que vocês enfrentam agora são as mesmas que enfrentamos quando fomos forçados a deixar Aiur.”

“Isso quer dizer que vocês têm as repostas?”, retrucou Selendis.

“Quer dizer que *há* respostas esperando do outro lado desse desafio”, disse Nerath com uma gentileza atípica, olhando diretamente para Selendis. “Se os nerazim têm que fazer parte de algo novo que não nos obriga a deixar nosso jeito de ser... somos ágeis o suficiente para seguir a curva que o vento faz.”

“Temos que criar um novo jeito”, disse Artanis. “E agora eu vejo que simplesmente declarar o fim do sistema de castas ou romper nossa conexão com o Khala foi só um fim. Começar algo novo exige bem mais de cada um de nós.”

“Construir é certamente bem mais difícil que destruir”, acrescentou Karax.

“E Nerath está certa quando diz que cada um tem que achar seu caminho nesse novo mundo, por mais que seja difícil”, falou Talandar. “Ninguém de fora pode dizer quem somos. Cada um tem que descobrir sozinho.”

“Assim só ficamos dando voltas”, reclamou Karax. “Você falou que sua vida foi confortada pelos amigos. Mas não dá para simplesmente... *construir* amigos para quem precisa.”

“É verdade que muitos não sabem como se conectar aos outros sem o Khala. Eu também percebi que os Purificadores são muito introvertidos”, comentou Talandar em tom espirituoso. “É isso que dá poder dobrar o próprio corpo para dentro.”

Artanis deu uma risada. “É bem verdade, velho amigo. Mas não há tantos Purificadores...”

“E nem todos os protoss nos receberiam bem”, completou Talandar.

“É um problema que não tem uma só solução”, disse Karax, dirigindo as mãos para Nerath. “Também ajudaria se nosso povo passasse a olhar mais para um novo futuro em vez de continuar bebendo do passado. Ao menos nisso eu posso trabalhar junto com outros

moduladores. O trabalho colaborativo ajuda a criar um senso de comunidade.”

“Com certeza, isso seria muito positivo”, observou Nerath.

“Trabalhar em conjunto, com uma meta em comum, forja uma conexão. E conexão... pelo menos alivia a solidão.” Karax olhou para Selendis, esperando que ela tivesse ideias para contribuir. Ela tinha outro ponto de vista, mas decidiu ficar calada.

“Eu não sou tolo de achar que um problema dessa proporção se resolverá numa noite”, disse Artanis. “Comecem a realizar o que pensaram. Eu também colocarei os Daelaam para elaborar formas de nos unir a fim de que, quando um de nós se perder do caminho, muitos estejam preparados para ajudar.”

#

O entardecer se tornara a hora dos funerais logo após o retorno a Aiur e o fim do Khala. Havia uma simetria espiritual fundamental nisso: os protoss eram extremamente ligados ao sol deles. Se já não podiam mais ter o consolo de saber que os mortos se juntariam aos ancestrais no Khala, podiam pelo menos se apoiar na ideia mística e mais obscura de que, com o pôr do sol, eles poderiam se juntar às estrelas do universo e talvez encontrar uma nova vida lá.

Selendis se consolava com a ideia de uma passagem para uma nova jornada e novas batalhas. Os protoss ainda tinham lugar no universo e uma ligação inextricável com ele — e essa era uma forma de manifestar isso. Contudo, ainda parecia algo vazio, sem presença. Sem a conexão basilar com o Khala, todas as mortes eram solitárias, e esta ainda mais do que outras.

A família de Therun, embora apartada, segundo observou Talandar, tinha aceitado a responsabilidade de cuidar do corpo dela. Ninguém queria Eranis — não, seria um sentimento ativo demais. Ninguém se importava o suficiente para aceitar o corpo dele ou cuidar de sua jornada final, então Selendis decidiu aceitar esse fardo. Ela poderia ter realizado esses ritos no

templo central, que tinha sido construído em torno da nova matriz psiônica. Mas preferiu devolvê-lo ao lugar onde tinha sido encontrado, em parte na esperança de que isso despertasse um senso de ação nos outros protoss, em parte para repreendê-los por se importarem tão pouco com um semelhante.

Uns poucos passaram perto e observaram com uma curiosidade morna a câmara que atomizaria o corpo dele. Ninguém permaneceu. Selendis ficou sozinha e sentiu um vazio de respostas semelhante à área que ela escolhera para o funeral de Eranis. Artanis, Karax, Talandar e até Nerath tinham ideias de como resolver esse problema recém-descoberto... mas não ela. E ela sabia que Artanis esperava mais dela. *Ela* esperava mais de si.

Aquela era apenas uma das numerosas mortes que Selendis presenciou pela vida. Ela não sabia bem por que tinha calado tão fundo em seu espírito. Talvez fosse a solidão. Talvez a inutilidade. Eranis não tinha morrido na glória da batalha nem no conforto da velhice. Ele tinha morrido violentamente pelas próprias mãos, em meio a gritos de uma dor que ele não sabia enfrentar. Cada detalhe daquela morte a deixava com mais raiva, e era uma raiva sem alvo. Ela poderia culpá-lo pela própria morte, ou culpar Lantharis, mas a mente dela instintivamente olhava a situação por outros ângulos. Muitas falhas precederam aquela que por fim o levou a rasgar a própria carne.

Talvez esse fosse o problema: falhas demais, nenhum inimigo claro.

Enquanto ela observava o sol sumir rumo ao descanso, uma vibração no ar indicou que não estava mais sozinha.

“Nada do que eu ouvi falar indica que você seja do tipo sentimental, Selendis”, disse Nerath, virando o rosto para ela.

“Rumores não fazem jus à verdade.”

“Eu não esperava que você ficasse feliz com minha presença, mas parece que você está com raiva”, prosseguiu Nerath. “Foi porque eu cometi a indelicadeza de não lhe agradecer por salvar minha vida?”

Selendis suspirou. “Não estou com raiva de você.” Como Nerath gostava de fustigá-la, ela não conseguiu se conter e acrescentou: “Você não é tão importante para mim quanto gostaria de ser.”

Nerath riu. “Meu coração está partido. Então de quem? Da louca que está na câmara?”

Selendis descartou Lantharis com um aceno da mão. Essa era uma inimiga que ela conseguia entender, um problema que eles resolveram juntos. “Eranis viveu aqui desde nosso retorno a Aiur. Mas ninguém aqui se importa com ele nem com a morte dele.”

“Eles lhe disseram isso?”

“A falta de interesse deles fala por si só.”

“É mesmo? Ou será que os khalai desaprenderam a ouvir?”

Aborrecida, Selendis marchou até uma das habitações simplórias. Um protoss velho e magro estava aboletado num caixote em frente. “Você aí”, chamou ela. “Você conhecia esse que morreu?”

“Eranis?” Ele deu de ombros. “Não muito.”

“Alguém o visitou antes da morte dele?”

“Não sei. Provavelmente não.”

Selendis olhou para Nerath, gesticulando com a mão.

Nerath respondeu, espirituosa, apenas para Selendis: “O Khala de vocês realmente atrofiou sua capacidade de dialogar profundamente.”

O Khala tinha dado a eles união emocional, um oceano profundo de empatia que fluía por

baixo de todas as palavras e os conectava. Era um ponto forte, não uma fraqueza. Mas agora eles só tinham aquelas palavras facilmente dadas a mal-entendidos. Comparado a antes, era raso demais. Ela parou para pensar no protoss que estava diante dela, perguntando-se o que estava abaixo das palavras dele, detestando se sentir tão distante dele e frustrada. Como fazer ele falar mais? Ela não percebia nenhum sentimento nele, mas também não oferecia nenhum em troca, a não ser a impaciência comunicada em perguntas ríspidas. Ela elaborou a pergunta seguinte após muito deliberar e falou no tom mais gentil que conseguia: “A mim, parece que você não se importa com o que aconteceu. Estou errada?”

Ele a encarou com um olhar não exatamente agudo, mas talvez mais intenso. “Parece que não importa. Que... nós não importamos.” Selendis sentiu um impulso de interromper em discordância, mas se forçou a escutar o resto da resposta lenta e estacada: “Éramos todos da casta khalai e sabíamos qual era nosso lugar no Khala. Agora não há mais Khala e não há mais casta, e disseram que somos todos Templários agora, apesar de ninguém desejar isso. E não conseguimos nem partilhar nossa tristeza e confusão. Então que diferença faz a morte de Eranis? Todos vamos morrer tão sozinhos e confusos quanto ele.”

Quando teve certeza de que ele terminara de falar, Selendis disse: “Os Daelaam não sabiam do seu isolamento. Mas agora sabemos. E vocês não ficarão sozinhos.” Como resolver aquilo? Ela ainda não tinha respostas.

“Eu não espero que nada vá mudar”, disse ele. “Mas agradeço por me ouvir.”

Selendis voltou ao corpo de Eranis com Nerath acompanhando, como uma sombra. “Esse é um problema que eu não tenho como combater”, admitiu ela, sem se dar ao trabalho de esconder a frustração. A antiga casta dos khalai agora era obrigada a repensar seu lugar no mundo. Até então, ela achava que a transição dela tinha sido fácil. Todos foram elevados a

Templário. Ela já era Templária. Mas o significado de Templário também tinha que evoluir.

“Atingir com uma lâmina é bem mais fácil”, concordou Nerath. “Eu não invejo sua missão. Mas... acho que você é teimosa o suficiente para cumpri-la, e eu posso tentar ajudar. Do meu jeito.”

“Eu só vou agradecer depois de ver se seremos amigas depois da sua ajuda”, disse Selendis, mas ela tinha lembrado que Nerath jurou que *havia* respostas.

“Eu realmente fico aborrecida de você já me conhecer tão bem”, replicou Nerath. Não havia aborrecimento em sua voz.

“Como você disse: um só povo, um só propósito.”

Nerath riu alto — um som que começou como surpresa e, despido da ironia habitual, soou caloroso, quase musical. Era um som que Selendis sentiu que talvez a agradasse, apesar de certamente não admitir.

Enquanto observavam as nuvens flutuarem lentamente e se banharem nos tons rosa e laranja do poente, Selendis encontrou as palavras que a inquietavam, que ela não sabia como expressar sem a facilidade da empatia do Khala. Era estranho que fosse mais fácil dizê-las a Nerath do que a Artanis. Talvez porque ela temesse decepcioná-lo — e porque Nerath tivesse um talento para a escuta, aprendido de berço pelos nerazim. “Artanis disse que, sem o Khala, seríamos livres. Mas se isso é liberdade, por que eu estou de luto?”

“Por que as duas coisas não podem ser verdade?”, perguntou Nerath, e Selendis não sentiu deboche na voz dela. Nerath colocou a mão gentilmente no ombro de Selendis: uma oferta de consolo que Selendis optou por aceitar, apesar da incerteza.

Karax estava certo... e errado. Os fins eram *rápidos*, mas nem por isso mais fáceis. E os começos eram ainda mais difíceis, mas Selendis nunca tinha fugido de uma batalha dura nem de

aprender uma nova forma de lutar. Sem o Khala, ela poderia até se sentir sozinha às vezes, mas sabia que não estava. Ela tinha amigos, velhos... e novos.

O sol mergulhou por trás das colinas, pintando o céu de vermelho e roxo. Ao ativar o processo de destruição do corpo de Eranis, Selendis viu aquele com quem tinha falado se aproximar para testemunhar, e junto vieram outros do assentamento.

Ela abriu a câmara. Um raio de luz com tudo que restava de Eranis, reduzido aos mais puros elementos, disparou rumo aos céus. Num breve instante, tornou-se poeira luminosa, confundindo-se com os pequenos pontos luzidios que começavam a aparecer na escuridão. “Ele se juntou às estrelas.”

Autoria: Alex Acks

Edição: Chloe Fraboni

Produção: Brianne Messina

Consultoria de história: Madi Buckingham, Sean Copeland

Consultoria criativa: Jeff Chamberlain, Kevin Dong, George Krstic, Ryan Quinn, Ryan Schutter

Tradução/Revisão: Heber Costa, Mariana Barros

Agradecimentos especiais: Thomas Floeter, Martin Frost, Felice Huang, Chungwoon Jung,

Jaclyn Lo, Alexey Pyatikhatka, YuSian Tan